

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO: MARIANO PINA

N.º 19.— VOLUME VI

PARIS 5 D'OUTUBRO DE 1889.

889.

SEXTO ANNO

Escreptorios : Paris, 13, Quai Voltaire.



UMA VIAGEM A TORRE EIFFEL. — NO PRIMEIRO ANDAR, AO PÉ DO ELEVADOR

A grande abundância de gravuras obriga-nos a retirar d'ultima hora a CHRONICA do nosso director Mariano Pina, que cede gustosamente este lugar ao seu brilhante collaborador GIESS.



A TRAVÉZ DE PARIS

Constans Victorin? — A 5 annos de opportunismo, aqui alternava cellulose! 1.º dia da birra. — As tristezas da Exposição. — As alegrias do Bouque. — Um figurista de menos. — Um homem integro, inflexível e sereno. Um nome no Chat Noir. — Um grande artista.

Constans far oser! Depois da victoria de little Dick, ainda senão viu mais portentosos espectáculos. Boulangier batido por um numero artistico de Chincholle, o booksmith boulangier, reduzido a miséria! A reputação garantida por mais cinco annos ainda, como os relógios Waterbury! Que triumpho! E que massada! OS

Não, realmente, mais cinco annos de república, é um pouco forte! Va-se a morrer de tedio, creiam. Que pena infinta! parte não agüenta. D'aqui a seis meses, a mais tardar, peço o meu sobreleito, como n'um drama do sr. Unet. O quê! cinco annos mais de viver Carnot, cinco annos de Thénet, cinco annos de Bourepaire, sem ao menos o recurso da Alternativa cellulair! Mas Paris vae transformar-se n'um immenso Versailles, habendo apenas por majores reformados. O resto emigra.

Nos outros, os exóticos, somos bem ingénuos. A data de 29 de setembro apparece-nos flamejante e formidável! e era com um certo terror que viamos approximar-se o dia tremendo, did'raço o dia da birra, o boulangier-opportunista. Alguns dos nossos compatriotas habituados ás palácias furbunhas e terramotosas que sacodem em dias de eleições Celorico de Basto e Anquill ficaram em casa com medo da bernardia. Outros, os bellicosos, sahiram logo de manhã a procurá-la, a bernardia. Em vez de bernardia, encontraram um Paris mais calmo, mais indifferente do que nos dias ordinários. Menos carros nas ruas, um certo redemoinho em torno das mairies, mas em silencio, como se lá dentro estivesse um morto. E estava. Era um assassinado, o suffragio universal, espiado ás mãos de Constans.

Assim se passou o tremendo dia, que a final foi um dia idiota. Poderia ficar como uma data celebre, um 4 de setembro, um 16 de maio, o imbecil preferiu permanecer na tumba anonyma do Talendado. Nada mudado, a victoria absurda do statu quo, isto é, a victoria dos palarrasos, dos demochonios, dos papagais de tribuna e a continuação do espantoso grêdus em que este país se debate desde as outras eleições.

Na exposição, os dias succedem-se parecendo se levante um com os outros. Ha nos ares como que um vago emorecimento. Sem-se a approximação do fim, e dahi resulta uma vaga melancolia. Deante do grande zimbório central, resplandecente, como uma thiera, deante das magníficas pontas das galerias, sob a aquilina curva de ferro do palácio das machinas, encontram-se grupos, succedendo a cuberga, e exclamando tristemente: Que pena! E faz realmente pena pensar que de toda esta magnifica floresta de obras primas e de obras grandiosas, não ficará em breve senão uma recordação cada vez mais evanescente até que se apague de todo. Este sentimento já se traduziu n'um pedido feito ao sr. Alphani para que a Exposição fosse prorogada até o fim de novembro. A resposta do sr. Alphani foi magnifica: "Expier!" necessário, d'esse elle, que a Exposição morra em plena gloria e em pleno esplendor.

tenho a doirar-lhe a agonia e ultimo rai do sol. Mais um mez de existencia, e seria a morte affrontosa sob as bategas de agua, no encouro, na lama. A Exposição fechará em fins de outubro, como nasceu, esplêndida, deixando intacto o seu deslumbramento!

Apressae-vos a gozar, portanto, o meus amados concidadãos. Eis os palácios, eis as galerias, eis os bellos quadros, as bellas estatuas, as bellas mulheres. Rai, correi, refocilae-vos! D'aqui a um mez Celorico vos espera.

Como se quizesse confirmar as palacetas do sr. Alphani, setembro tem-nos dado as mais bellas manilhas de outono que é possível imaginar. Um friosinho est mulante corrento sobre a pelle, convidando ao movimento, aos longos passeios nas avenidas do Bois, sob se arvora nua, sobre a crepitação das folhas secas. Uma fina bruma, uma espessa de halito da relva, embaçada o ar. Os lagos brillam foscamente, como poças do hydrargyrio. De vez em quando, d'uma aveiada, rompe como uma corça, uma amazona, diricta na sella, a saia collante sobre a coxa nervosa, o chapéu desabado de plumas, successor do odiado chapéu alto, levemente inclinado sobre a orelha. A trinta passos, um laço de farda escura, apertado na cinta com uma correia de coiro, segue-a respectuosamente, ao teito d'um pur sang, até se perderem os dois n'alguuma outra vereda silenciosa. E' essa a hora divina do Bosque, e não a da ignóbil desolada das 5 horas, feita de tipos da praça e de indíviduos de remissa, d'onle emergem calcos medonhos de rasta-guacés, cór do chocolate, ou faces vidradas de velhas cocottes, escorrendo alvaide e pó de arroz. A nota aristocrática é fornecida por Buffalo Bill, cuja melena niagariça sobe as costas e espandem-se jorras luminosas do pomada, sob o chapéu de feltro branco, dos vaqueiros dos paizás, laço como um queijo gruyère. Bis no que vem a dar a famosa volta ao lago, que ainda nas provincias faz delirar retrospectivamente o coração das velhas loes aposentadas.

Mon cher Frédéric morreu. Viva o sr. Georges Boyer, seu successor legitimo. E' espantoso o que o Figaro conjura de collaboradores. Quem entra n'aquella conje, renuncia ipso facto ás mais legitimas esperanças de longevidade. O monstro pega nos homens, exprime-nos n'um abeir o fechar de olhos, e ahi elles o succo até a ultima gota, e quando os vê mirrados e secos deixa-os resvalar no hospital ou no tumbó. Racot, Ignorin, Suill, Prével, eis a recente e lugubre serie. Wolff resiste ainda, mas começa a braxear-se.

O caro Prével não era positivamente um genio, mas tinha o talento do seu mister e isto explica a sua fortuna. Temera absolutamente a serio o seu papel de jornalista de baseidore e punha tanta consciencia e tanta gravidade em annunciar que Wilfrid, faga em um acto, se representava pela 1.ª vez na Scala em tal dia, como qualquer em communicar o resultado da entrevista do Conde Herbert de Bismark com Lord Salisbury. A Prével deve a importancia espantosa e acoveladura que o cabotin assumiu na sociedade moderna.

Prevel sténographando os mais reconditos, espirodes d'oumet Sully e as intimas azias do Sarah Bernhardt, desenvolt eu no publico a inadmitte curiosidade da vida e gestos do personagem dubio que Mirbeau fagelhou n'um artigo celebre. N'este genato de reportagem, Prével era admiravel. Ha vidas inteiras de comediantes que se podem seguir nos seus Echos desde as abluções matutinas até o descolgar do panfalo nocturno. E personando a colleção do Figaro poder-se-ia fazer a estatística interessantissima — e que as nações esperam — das cadellinhas peralidas n'estes ultimos 25 annos pelas actrizes parisienses, com os signos do bicho, seu nome e prandias, e alvipsas prometidas a a quem o achar. Sabido isto nos parece extranho o panegyrico que o Figaro lhe consagrou e no qual se lê esta phrase aparentemente enorme:

A integridade inflexível e serena! era o fundo d'esto caracter honesto e recto.

Não sei se no tumulto do sr. de Baurepaire, procurador geral, se podera gravar esta sentença que parece inventada por um fabricante de epitaphios, para os jargões da alta magistratura. A integridade serena e inflexível de Prével, jornalista do di-

tribuições de pagas e de caniches perdidos, não salta desde logo aos olhos.

Mos no fundo a coisa existe. Prével era integro, inflexível e sereno. Sereno sobretudo. Era um lago de serenidade. E nunca ninguém, annuenciando a primeira do Tesor para tal dia e a tantas horas, se mostrou mais inflexível. Quanto a integridade, essa (hum!) é um pouco mais diffiil (hum! hum!) de explicar. Mas que diacho, pode-se ser integro com qualquer coisa. Era justamente d'essa forma que Prével era integro, ego.

A phrase sobrebu do Figaro fica entretanto, como um documento curioso do desejo das ideias e do falseamento dos vocabulos n'este fim de seculo.

Nada de novo nos theatros — visto que a primeira da Família Beuillon não pode aspirar aos louros de novidade. Uma bella noite no Chat Noir, em compensação. No palco sombrinhos de Robida, a noite dos tempos ou o Elisir do rejuvenescimento, uma charge desopilante: o systema Brown Sagard, com fugas vertiginosas d'um sabio, o illustre Cambrenz, através das idades, combates de megatheriums e de mastodontes, no passado, choques de baldos dirigíveis nos séculos porvir, uma endiabrada fantasia que seria deliciosa se não fosse um pouco chistoso confuso. Na orchestra, canções do Mac-Nab o cancionista famoso, que nos disse com a sua fria voz ceciosa a Expédition, uma obra prima que devia estar nos pianos de todas as meninas da boixa, dada a vocação das referidas meninas para o calão da galascurada lisboeta; de Victor Meley, de Fragerolle; versos sobrebuos d'um poeta bretão cujo nome me não occorre, mas que tem a chamuza, o Uldo do homem; posmas macabras d'uma legião de jovens poetas despretensiosos, mas cheios de vida e de inspiração juvenil.

Na platéia, um bando de compatriotas illustres, [lapha] Bordallo, Fernando Caldeira, Mariano Pina, Moura Cabral, Eugenio de Castro, Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, entusiasmados, embriagados com essa enebriante atmosphera de talentos e de plantação.

Finalmente, em toda a parte, como o trovão de Jehovah, a voz clarificante de Rodolpho Salis, o ganhalham taberneiro, senhor do Gato Preto e boião de Montmartre (a sagrada collina!) fazendo as funções de côro antigo, acompanhando as vocalidades e transgredindo da magien de Robida com fulgurantes commentarios, erigidos de epigrammas sengrentos ao (Conselho Municipal, a Boulangier e aos 40 da Academia, e derramando, mercê d'uma phraseologia especial, uma suave obscuridade sobre todas as situações da paga.

Mas a grande surpresa da noite foi uma canção de Fragerolle, a Sentinella, em que o artista se revelou poeta, compositor, pianista e cantor — tudo isto com equal talento. Imaginem uma voz quente, meridional, maciça e vibrante; os mais bellos versos d'este mundo, a relampagueira de factos e de incertezas preciosas; uma melodia larga e marcial, que lembrava o palpitir das pagas d'uma bandeira e a marcha para a frente d'um batalhão cantando um acampamento que rolava agora como um tambor de guerra, para se rythmar depois em grandes accordes molhados, como harpejos collos. Foi um choque electrico. Todo o nosso grupo se encanou, com o olhar inflammado, sentindo-se levado d'um meteorico de talento. Era uma revelação, um pasmo! Quando a voz do artista resolveu a phrase musical n'uma soberta nota que pairou sobre os ultimos accordes e se extinguiu com o derradeiro d'elles, o entusiasmo fez explodir e Fragerolle ponde n'este momento vir de perto a gloria. Toda a sala de pé o acclamou longamente.

Bella noite que passou como um relampago deixando cego d'um deslumbramento no olhar.

GIESS

O PROXIMO NUMERO

Chamamos a attenção dos leitores para o proximo numero da ILUSTRAÇÃO, na qual publicaremos uma grande gravura representando o

CORTEJO DAS COLONIAS NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

A «ILLUSTRAÇÃO» 3 VEZES POR MEZ

A empresa da ILLUSTRAÇÃO agradece, profundamente reconhecida, as inúmeras provas de sympathia e de estima que está recebendo de todos os seus estimáveis assignantes e compradores avulsos.

Apenas lançámos ha dois numeros a ideia de **passar a publicar a «ILLUSTRAÇÃO» TREZ VEZES POR MEZ** — que de todos os pontos de Portugal nos chegam as mais entusiasticas adhesões. De cerca de 1:800 BILHETES POSTAES E CARTAS que temos recebido em Paris, **SO' DOIS SRS. ASSIGNANTES** é que não estão d'accordo com a nossa ideia, julgando um d'elles que não haverá bastante materia para encher tres numeros d'um jornal do formato da ILLUSTRAÇÃO.

Devemos dizer a esse nosso assignante que a ILLUSTRAÇÃO, no dia em que passe a ser publicada **trez vezes por mez**, começará logo a publicação de magníficos romances de Georges Ohnet, de Alphonse Daudet, de Hector Malot, de André Theuriot, etc., — romances admiravelmente illustrados pelos primeiros artistas de Paris. E o nosso jornal ficará assim á altura das melhores revistas francezas e inglezas, que são a unica leitura das familias.

Agradecemos profundamente reconhecidos, a muitos dos nossos assignantes, o desejo que exprimem de ver a ILLUSTRAÇÃO publicar-se, não **trez vezes por mez**, mas **quatro**!... Estas sympathicas adhesões são para nós d'um valor inestimavel. Provam-nos cabalmente que a ILLUSTRAÇÃO encontrou em Portugal um numero publico, realmente apaixonado das bellas-arts e das letras, decidido a auxiliar todas as empresas artisticas e litterarias que estejam dispostas a cumprir honestamente com o que prometteram desde começo.

Parece-nos que não mentimos aos nossos assignantes quando lhes dissemos que a ILLUSTRAÇÃO seria a **única revista em lingua portugueza**, que havia de pôr o publico ao corrente de tudo quanto se passasse na grande **Exposição de Paris**.

E' em nome dos sacrificios que fizemos este anno para merecer a estima dos que nos lêem, que pedimos a todos os assignantes e compradores da ILLUSTRAÇÃO, tanto de Portugal como do Brazil, que ainda nos não escreveram, nos digam com a maior brevidade se querem, ou não, que a ILLUSTRAÇÃO passe a publicar-se **TREZ VEZES POR MEZ**.

Dirijam a resposta, n'um bilhete postal de 20 reis, ao

DIRECTOR DA ILLUSTRAÇÃO

13, Quai Voltaire, 13

FRANCE

Paris.

Apesar de termos já em nosso poder cerca de 1:800 ADHESÕES, ainda nos faltam alguns milhares de respostas, para saber se devemos, ou não, passar a publicar a ILLUSTRAÇÃO — **TREZ VEZES POR MEZ**.

A ILLUSTRAÇÃO só quer ser agradável aos seus assignantes. E' por isso que nada fará, sem ter a opinião de todos elles.

A EMPRESA.



AO PÉ DA TORRE.

UMA VIAGEM A TORRE EIFFEL

Illustrações de Kauffmann, Grütli, Carloni e Burgraff

A QUELLES que me vão ler, que ficaram acorrentados em Portugal e no Brazil sem poderem vir a Paris admirar a torre, que só a conhecem por gravura, photographia, ou reduzida a horloque de corrente ou de pulseira, a brincos ou a alfinetes de gravatas, que só a viram nas paginas da nossa ILLUSTRAÇÃO dominando o horizonte de Paris, — não formam, não podem formar a mais leve ideia do que é esta massa enorme, esmagando o solo com os pés titânicos, e erguendo as nuvens a esbelta columna rendilhada que tem feito levantar tanta cabeça, estender tanto pescoço, e arrogar tanto olho de provinciano e de estrangeiro...

Porque nós, parisienses, como a vimos fazer, como a vimos nascer e crescer, já olhamos para ella com a mesma indifferença com que olhamos para um cigarro...

Durante seculos Paris tinha resumido o seu orgulho na belleza artistica dos seus monumentos, chegando mesmo, quando a occasião se offerecia, a sorrir dos povos barbaros da antiguidade que, como os egypcios com as pyramides, os gregos com a estatueta de Rhodes, tanto se deixaram levar pelo genero colossal. — Um homem appareceu, que mudou a tradição: não vamos descrever a sua obra; ha dois annos que a ILLUSTRAÇÃO segue cada uma das



AO PÉ DO PILAR ESTRE.

transformações d'esta extraordinária construção, que nós vimos subir para o céu, sem serem precisos andamos, sem que nunca se podesse ver entre aquelle rede de ferro um só operário; obra de magia na qual as fadas pareciam trabalhar de noite... E se um dia se formarem lenhas ácerca da torre, fiquem certos que hão de apparecer velhas para explicar á luteira o milagre, affirmando que foi o Diabo que desempenhou o principal papel, e que legiões de gnomos ajustavam e pregavam sem ruido os membros da ferro da immensa carcassa. Descrevel-a — seria uma loucura! O que vamos tentar é dar uma ideia da vida especial que a anima, e para isso é preciso entrar lá para dentro. Subamos!...

Já o apito do elevador tocou a carne (sonner à la viande) conforme a naturalista expressão dos mineiros quando descem à mina — para avisar o 1.º andar de que parte um carregamento de carne humana. O wagon de dois andares que nos vae levar lá cima, encheu-se em menos d'um minuto; as portas fecham-se com um ruido secco, e de repente a paysegem vista pelas estreitas janellas d'arame toma uma singular inclinação; as torres, os pavilhões, as fachadas alinhadas, parece que se inclinam, que abatem e que se enterram — estamos a caminhar! E' um escorregar sem ruido, sem um choque, sem um balanço; junto de nós, passam collossaes cruzamentos de ferro, em quanto que na escada suspensa, se vê gente subir a custo, suada e offegante, os trezentos e cincuenta degraus que o elevador nos poupa. Depois, segue-se um ruido de paraquedas que se fucham; a enorme galola, cheia de viajantes e ligeira como uma bolha de sabão, fluctua um instante, procurando a estabilidade. Chegámos...

Que surpresa! Estamos diante d'uma verdadeira cidade, cidade extravagante, tendo o que quer que seja das aldeias escandinavas, com muros de madeira e pignons contornados: a multidão formiga e acotovelava-se nas ruas d'esta nova *ciité*, aperta-se em volta dos kiosques, senta-se ás mesas dos restaurantes: porque ha ali restaurantes cujas construções occupam tres mil metros quadrados — será bom repetir: tres mil metros quadrados... No forro do primeiro andar da torre installaram para estes restaurantes, as respectivas cozinhas, casas de arrecadação, caves profundas, e todo este espaço occupado é insignificante comparado com a immensidade do conjunto.

Repto: é uma cidade, uma verdadeira cidade, cuja praça central é um buraco escancarrado para cima do Campo de Marte, tendo vinte cinco metros de cada lado. Ah! que buraco!... Lá em baixo,



NO ELEVADOR.

muito em baixo, acham-se sobre o tanque as estatuas brancas da famosa fonte de Saint-Vidal; as relvas que a cercam parecem pintadas no chão, e nas ruas parecem arrastar-se como bonecos de rodas, os transeuntes, aos quaes se não distinguem os movimentos. E na sua formidavel abertura, seguem e inclinam-se os quatro gigantescos pés de ferro que nos sustentem; a sua enorme curvatura, desfigurada pela perspectiva, parece tomar o ponto de appio a uma distancia infinita, e ter-nos suspensos por um prodigio de ousadia e de equilibrio a 60 metros d'altura: sessenta metros! menos sete metros que o alto das torres de Notre-Dame.

Emquanto aqui estamos, com o olhar mergulhada n'esta immensa excavação, uma corda se d'um roldana e desce no vazio; sobelantemente, puxando um cabaz cheio de viveres; é o elevador das provisões destinada a nutrir a população da Torre. Cabo ao começo, parece depois um cordel, e acaba em fio quasi invisivel; emquanto que o cabaz que elle sobe anda a roda e balanceia-se aos olhos dos frequentadores da Exposição, que parecem agora pontos negros immoveis, divertidos com este espectáculo. Com um movimento regular o cabaz sobe, augmenta, suspenso no espaço, e balanceia-se mollemente, approximando-se sempre: — foi assim que subiram todas as peças da Torre, todos estes ferros que se cruzam e se misturam, estas formidaveis traves metallicas, cada uma das quaes peza pelo menos mil e quinhentos kilos. E pensa-se que se é bem feliz por se ter achado para os homens um outro systema de elevação differente do das coisas; aliás

teríamos de nos valer e de nos agarrar a este fio, seguindo com a vista assustada a fuga vertiginosa do solo, medindo n'uma hallucinação a profundidade do abysmo sobre o qual se estaria suspenso...

Será bom não insistir; são ideias que perturbam as mais fortes cabeças: não é bom pensar em semelhantes cousas quando se está á altura das torres de Notre-Dame. Continuemos a subir: acima de nós, sustentada por quatro arcos grandiosos, vê-se a segunda plataforma: continuamente os elevadores, com uma ligeireza de passaros, correndo verticaes entre as barras d'uma gróia gigantesca, realisam a segunda viagem vertical; mas para variar

rendo para respirar, ou para ver passar, no nosso lado, os elevadores cheios d'ascencionistas que, pelas janelas estreitas, parecem mangar e gosar com a nossa fadiga...

Que zbyaritis! A meio da escada pará-se para respirar — depois continua-se a subir, ainda com mais dificuldade, o chapéo na mão, esponjando a fronte. A duzentos degraus d'altura, começamos a comunicar as nossas impressões aos *touristes* que nos precedem, ou nos seguem: trocam-se alguns: *Caramba! — É mais difficil do que pensava!*

Não tornó a cahir n'outra! — É desistia-se da empreza, se não fosse um bocado de vaidade, e também a ideia da volta. Finalmente, o *uff!*... final é solto com prazer, e se o guarda da escada (um dos muitos guardas) é dotado d'uma certa dose de observação, deve ter conservado a recordação de muitas cêras apopléticas, de muitas frentes lavadas de suor, mas radiantes da alegria legítima que proporciona a realisação d'uma obra gloriosa, ou o ter vencido uma difficuldade bem penosa.

A primeira coisa que se pede quando assim se attinge a segunda plataforma... é um banco. Sentemo-nos pois, ao abrigo do vento, se isso é possível, e de modo a gozar o curioso especta-



Uff...

do alto, como querendo deixar uma recordação na praia que vão abandonar.

Porque — como todos sabem — o *Figaro* teve a ideia originalissima de instalar a 117 metros

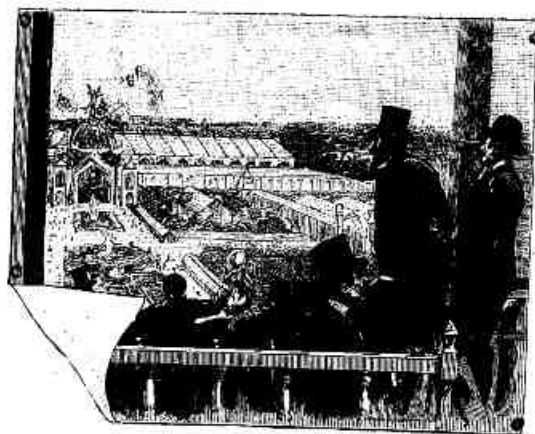


NA ESCADA.

as nossas impressões subimos d'esta vez pela escada; uma ligeira escada de ferro cujas espiraes se elevam em sacarrolhas através os vigamentos rectilíneos do pilar do sul.

Um resguardo de pano alcatroado ladeia a escada, protegendo-nos contra a vertigem; os degraus enrolam-se, monotonos; a ascenção que começou alegremente, começa a tornar-se pesada: e sobe-se, andando sempre á roda, uns atrás dos outros, pa-

lante de Paris; e a gróia deslizando em linha recta entre os rails verticaes, parece ser o vapor carregado de passageiros que se ufasta para o desconhecido, e que se vê, navegando no mar do céu, afastar-se e tornar-se pequeno, pequeno, como um navio que vai para o largo. E até para completar a illusão, ha ainda a cabina do *Figaro* da torre Eiffel, onde os passageiros acabam de se inscrever, antes de emprehenderem a grande viagem

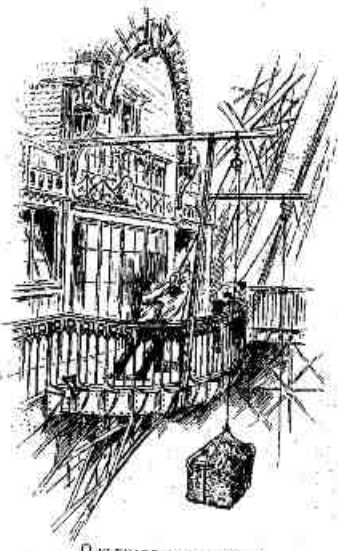


A PRIMEIRA GALERIA

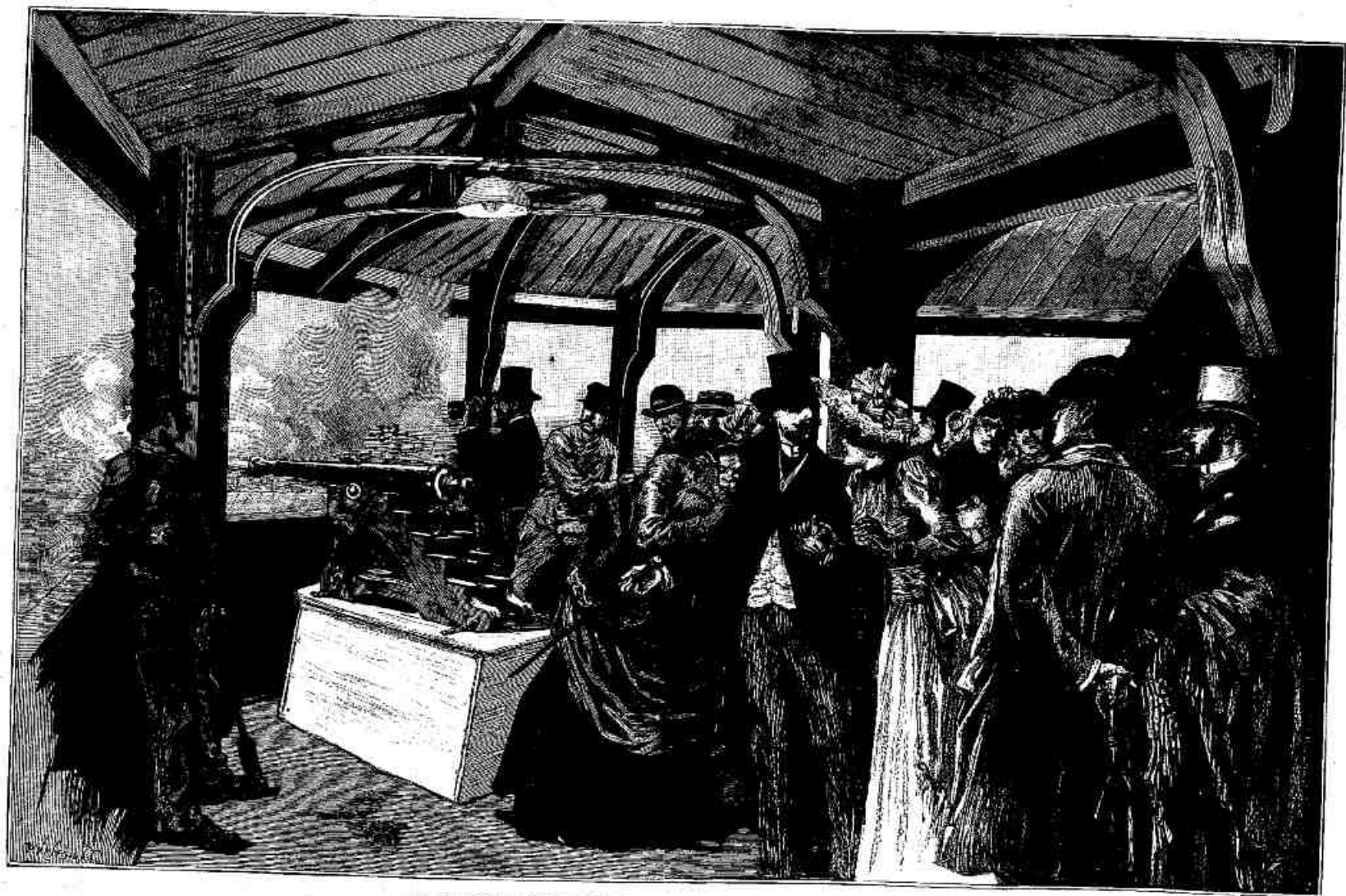
culo que offerece esta nova cidade aerea, animada d'uma vida ainda mais intensa e mais pittoresca que a primeira.

Não sei explicar por que é que se experimenta a mesma sensação que produz um grande porto de mar: o vento sopra, fresco e vivo como sobre a ponte, e encontram-se pessoas apressadas acotovelandose com um bilhete postal na mão, á porta do escriptorio onde se faz o correio: através dos vigamentos metallicos, finos como cordões de navios, estendem-se grandes pedacos de céu puro, com longiquos azues que nos lembram o Oceano; ali passam tres inglezes com bonnets de marinha, rabonas amarellas, e binoculos a tiracolo: sobre a prancha que conduz ao elevador do terceiro andar amassa-se uma multidão que falla todas as linguas e cujo cosmopolitismo nos transporta para longe de Paris; e a gróia deslizando em linha recta entre os rails verticaes, parece ser o vapor carregado de passageiros que se ufasta para o desconhecido, e que se vê, navegando no mar do céu, afastar-se e tornar-se pequeno, pequeno, como um navio que vai para o largo. E até para completar a illusão, ha ainda a cabina do *Figaro* da torre Eiffel, onde os passageiros acabam de se inscrever, antes de emprehenderem a grande viagem

acima do nivel do Campo de Marte uma succursal da sua typographia da rua Drouot. Compõe-se, tira-se, e vende-se ali um jornal cuja vinheta representa o espirituoso barbaeiro de Sevilha a cu-



O ELEVADOR DOS VIVERES.



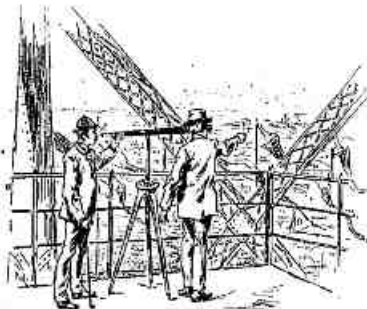
UMA VIAGEM À TORRE EIFFEL. — O TIRO DA PEÇA ÀS SEIS HORAS DA TARDE.



NA GHEVERIA DA ALSACIA-LORENA.

vallo sobre o monumento do sr. Eiffel; esta pequena folha possui já uma reputação universal, não contando mais de trez mezas d'existência; mas deve-se acrescentar que nunca nenhum jornal francez teve mais celebres e mais numerosos redactores.

O schah de Persia ali collaborou, assim como o rei Dinah-Salifu, dos quaes a *ILLUSTRAÇÃO* já publicou os retratos; também o príncipe Bauduin e seus altezas beylicas se não recusaram a dar para ali original; e seguindo estes illustres exemplos, não ha burguez de provincia, nem visitante estrangeiro que não considere como uma honra ter o seu nome impresso nas columnas do *Figaro-Tour-Eiffel*. As folhas soltas, nas quaes nos inscrevemos, são immediatamente entregues ao compositor. Tenho na minha frente a collecção d'esta curiosa publicação; encontrava-se aqui assumpto para commentar os philosophicos, porque muitos visitantes acrescentam aos seus nomes e qualidades uma phrase resumindo as suas impressões. Raras reflexões na sua maior parte não são, nem muito variadas, nem muito transcendententes. A maior parte limita-se a mandar do alto da Torre Eiffel saudades aos seus parentes e amigos, não esquecendo os seus patricios, o primo Carlos, o tio Paulo e o sobrinho Gustavo. Os excelsos e os gloriosos Eiffel já não tem conto. O illustre engenheiro é coberto de protestos d'admiração e de reconhecimento. Uma actriz muito conhecida escreve: Mil agradecimentos a M. Eiffel por ter procurado da pobres mulheres impressões tão novas e tão vertiginosas. Um bom padre entusiasticamente assigna e acrescenta: Magnificat unius mea Dominum!



O TELESCOPIO.

Outras phrases: — A ideia de fazer uma torre de ferro de 300 metros já havia sido proposta pelo abaixo assignado em 1886. L. R. engenheiro d' L. — e uma outra mão acrescentou: Propôr a ideia não é nada... Um outro engenheiro.

Um apaixonado escreve: Quisera ter trazido co-

migo Sugetta! — em quanto que um bom alsaciano, discípulo fervente de Cambrinus, afirma que a sua unica pena é não ver da torre a cervaria do Elephante. Um outro exclama:

Que este tour grandiose et magnifique puisse disparaitre les opinions politiques.

Este é um poeta, e não é o unico. Um desesperado exhala assim o seu horror á vida:

O Tom
Du plus bas de son être
Un jour
Il plaçait une tête
Comme
De l'air dans l'espace
Au vent
Ma chétive carcasse

Um belga escreveu: Saudade a França marchando em Republica na estrada do progresso, da paz e da liberdade. Ao que um arriengado respondeu: Será bem por esta estrada que alla marcha? Um outro belga.

Ha tambem os amadores de calemburgos, entre os quaes o nosso famoso Mendonça e Costa, que primou pelo disparato, dizendo que teria maior orgulho de fazer la Tour do que fazer le tour du monde. De resto, esta mendonçacostada vale bem as asneiras da *Gazeta dos caminhos de ferro*, onde Mendonça e Costa, dando conta da sua viagem a Paris, acha indecente e ordinarrissimo o material e o serviço dos caminhos de ferro francezes!! Ou talvez lhe tivessem pregado a partida de o trazerem n'uma immunda... classe de Santa Apollonia — até Paris... Ah! Mendonça, Mendonça! Quanto mais velho, mais Mendonça e Costa!

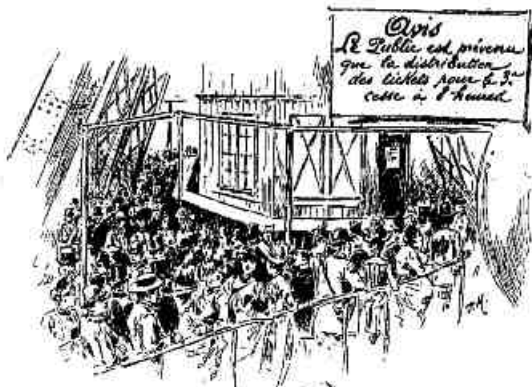
Uma alma curidosa escreveu por debaixo da calembourg de Mendonça: Le plus grand danger que l'on puisse courir dans la tour Eiffel, c'est de laisser tomber... une bêtise sur ce registre.



SEGUNDO ANDAR. — Le Figaro.

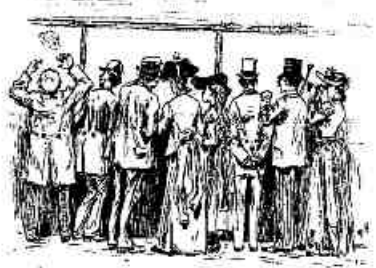
Quasi todas as impressões notadas no registro do *Figaro* denotam um prodigioso entusiasmo pela obra de M. Eiffel e pelo espectáculo inolvidavel que se desfructa do alto da torre: e a prova está nos milhares e milhares de nomes que cobrem as paredes dos diferentes pavilhões das duas plataformas, as balaustradas, as columnas de ferro, os bancos e os espelhos das lojas. E' um phenomeno bem singular, que o homem quer sempre deixar alguma coisa da sua pessoa nos sitios onde experimentou uma emoção violenta que elle receia nunca mais ver renovada. Encontrei um dia na Suissa um inglez que viajava a pé, trazendo consigo, além da sua bagagem de *touriste*, um enorme pote de alcatrão e um grosso pincel com que trachava o seu nome em letras de seis pés d'altura, sobre todos os rochedos das estradas.

E' preciso confessar que aqui o entusiasmo tem a sua razão de ser: a perder de vista, a grande cidade estende o seu oceano de telhados e de verdu-



AO PÉ DO ELEVADOR DO TRACHEIRO ANAIS.

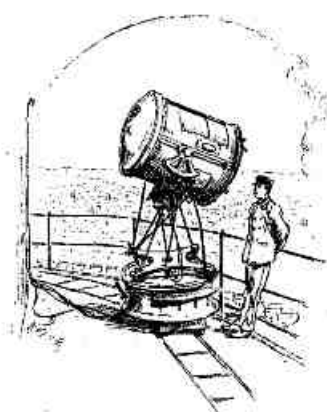
ras: as longas avenidas d'arvores convergem para a Torre, como os raios d'uma enorme roda deitada, engrinaldadas de folhagens; os monumentos, que parecem onções, estão espalhados por cima das casas; o horizonte, ora enovado, ora formando uma bella linha azul, parece que se ergueu, e o que fica abaixo de nós afunda-se n'um poço medonho; o rio Sena desenvolvendo a sua larga curva parece carregado de barcos que passam lentamente, deixando atraz d'elles um grande sulco. A Exposição com os zimbórios azues, as cupulas azues, os minaretes excentricos, tudo isto fica esmagado, se amassa, e



NO TERCEIRO ANDAR.

visto de cima toma uma forma nova, como que ajoelha diante do coloroso: as quatro cupulas do pavilhão da Bolivia parece que se enterraram pelo telhado, o pavilhão do mar prece um brinquedo de creanças, o pavilhão do Mexico parece chato e quadrado... e no lago do pavilhão do Brazil estas oito ou dez obreiras de fechar cartas que ali flutuam, são as folhas da *Victoria regia*, esta flor desconhecida até agora da Europa, e cujas folhas tem mais d'um metro de diametro!

E o olhar volta sempre á torre, seguindo as descidas vertiginosas da sua carcassa metallica, onde tudo vive d'uma vida agitada, quasi febril: a esca-



OS PROJECTORES.

de vomitando incessantemente uma onda de curiosos espantados; os elevadores despejando fornadas de passageiros, depois, apenas vãos, tornando-se a encher n'um instante; os letidos surdos das cornetas dão o signal para a partida, e a gaiola carregada de cinquenta pessoas, afunda-se silenciosamente, cahindo como uma pedra, deixando só atraz de si o cabo a pulsar... Por cima de nós, as rodas de todo este mecanismo andam, desandam, puzem, recomem a andar, obedientes e silenciosas; os cabos d'aço correm em linha recta através dos doçulos d'esta complicadissima construção.

De repente ouve-se um tiro de peça, um fremito metallico percorre todo o gigante de ferro; e vêem-se todos os relógios saírem de todas as algibeiras, como antigamente se fazia em Lisboa com a hora marcada pelo balão do Arsenal. Cada pessoa quer ter a hora da Torre. Ter o relógio pela hora da torre Eiffel... e depois morrer!... Quando redenta o tiro do canhão, podem á vontade calcular em 500.000 o numero de pessoas que dizem: são seis horas. De lá de cima vêem-se em todos os jardins

da Exposição todos os pontos negros, que são os transcutes, pararam... E' para se certificarem da exactidão dos relógios. No dia 1.º de setembro findo, Paris andou durante toda a noite adiantado d'um quarto d'hora. O tiro de peça da torre annunciando officialmente, não a hora, mas o encerramento das galerias e o augmento de mais um bilhete nas entradas da noite, fez-se ouvir mais cedo no dia 1.º de setembro, ás cinco horas e tréz quartos. Todos os transcutes, conforme a tradição, olharam para os relógios, e convencidos de que estavam acertados, adiantaram-os para os regular pelo tiro da torre. Um quarto d'hora depois, seis horas soavam em todos os relógios de Paris.

Mas precisamos subir ainda mais: d'esta vez a escada em espiral que dá tanta volta até se perder lá no alto nas malhas de metal, é prohibida ao publico, e é no elevador Edoux que concluímos a nossa viagem: uma gaiola fechada que pode conter sessenta pessoas é sustentada por quatro cabos que descem do alto da Torre: tocam uma campainha, e partimos.

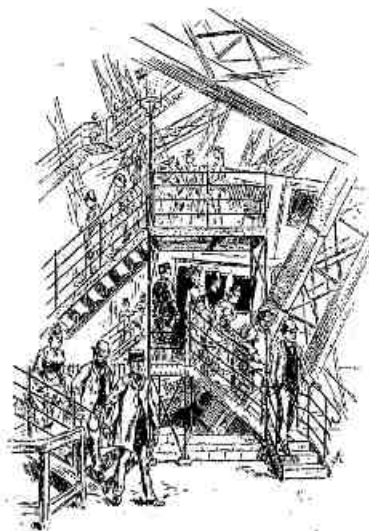
Os viajantes conservam-se de pé.



O PHAROS.

a cara junto das estreitas janellas de vidros que illuminam a cabina. A impressão é singular. Parece que nos não movemos, e tudo, em torno de nós, se afunda e desaparece n'um longe vertiginoso: as enormes travessas de ferro da gaiola metalleca através das quaes nós viajamos verticalmente, tornam-se mais ligeiras e mais tenues; e através d'estas grades, a paisagem afunda-se, enterra-se, envolve-se d'uma tinta geral onde desaparecem os detalhes.

O elevador para; a porta abre-se escorregando

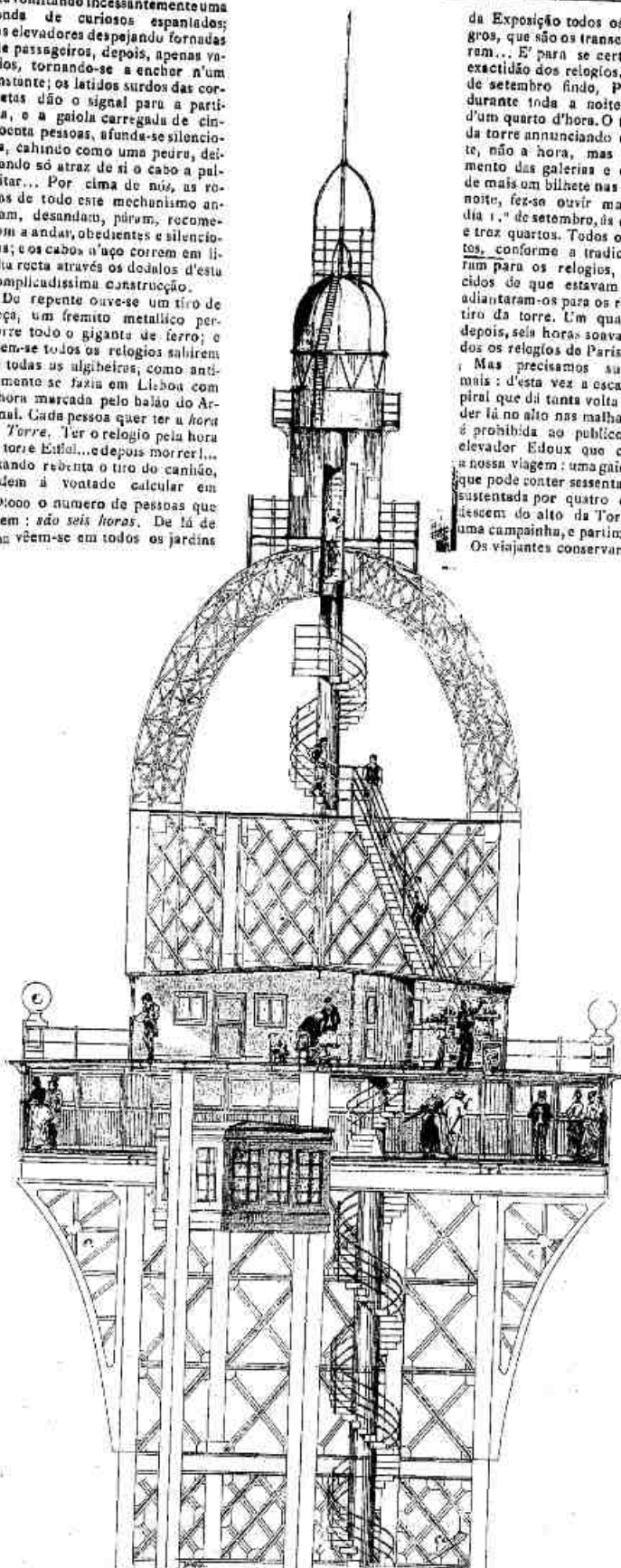


A DESCIDA.

nos encaixes; estamos na plataforma intermediaria, a 207 metros acima do nivel do Campô de Marte. Em dois minutos subimos 90 metros. Continuemos!

Eis-nos na segunda cabina, a que é movida por dois pistons de 32 centímetros de diametro e de 60 metros d'altura; o transbordo d'uma cabina para a outra faz-se sem desordem e sem ruido, e a scenção recommença...

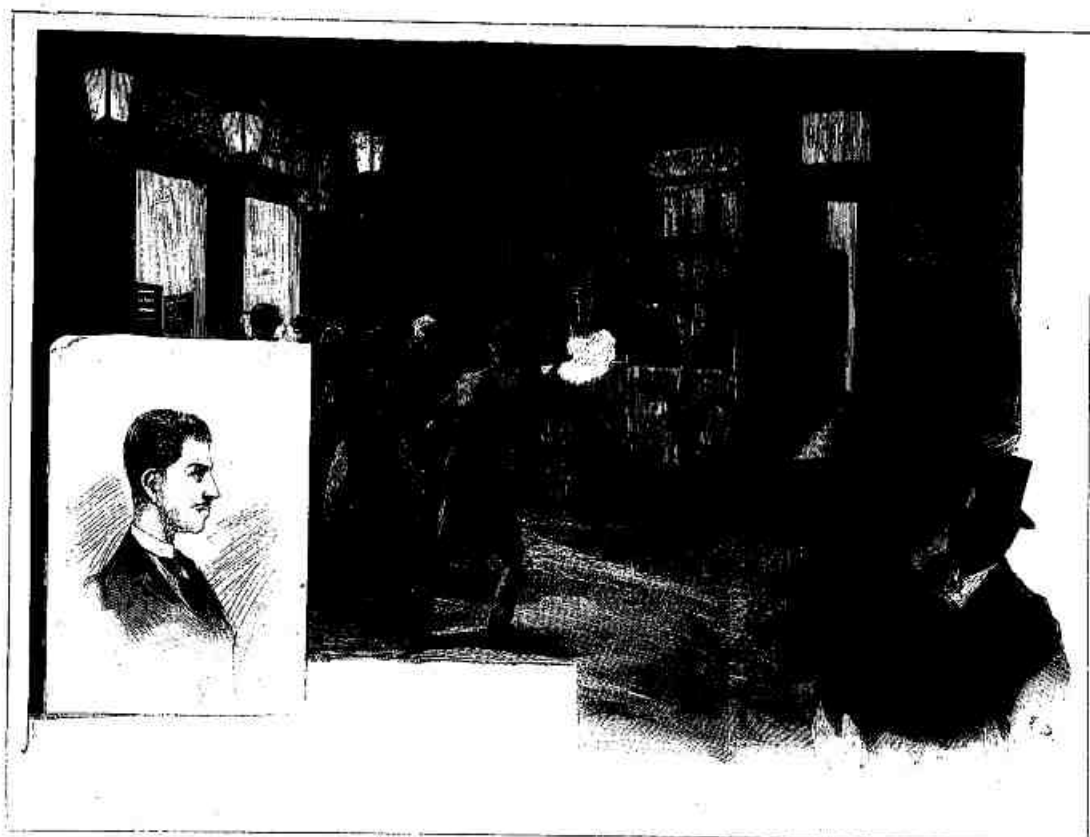
O silencio que reina todo o tempo que dura esta viagem perpendicular é uma coisa que merece notar-se: será a novidade da sensação, a grandeza do espectáculo, a vaga desconfinça e incerteza que se experimenta ao ver a terra fugir e o horizonte su-



CÔRTE DA PARTE SUPERIOR DA TORRE EIFFEL.



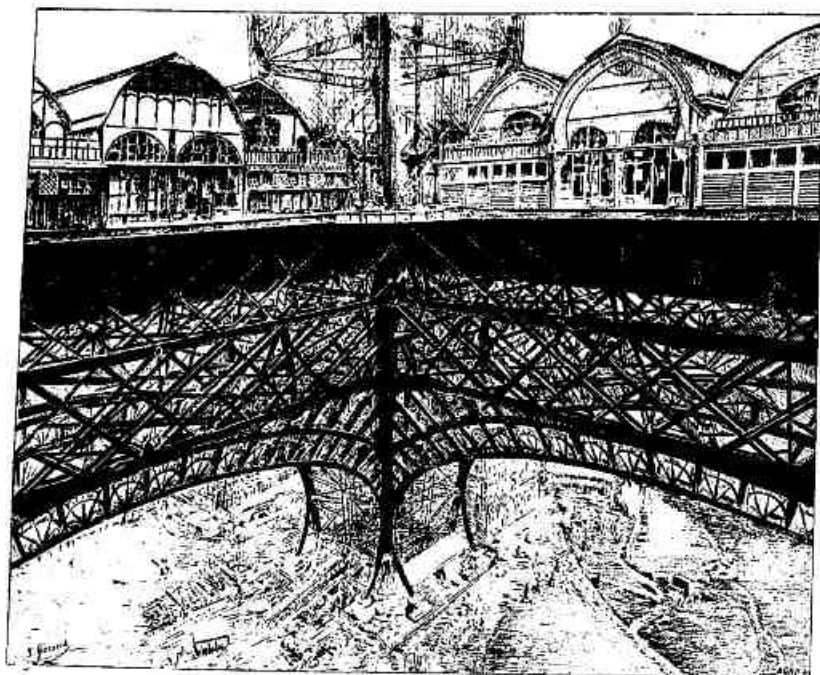
EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A RUA DO CAIRO, NO CAMPO DE MARTE.



O ATENTADO CONTRA S. M. O IMPERADOR DO BRAZIL. — RETRATO DE ADRIANO DO VALLE.



OS VISITANTES DA EXPOSIÇÃO. — A EMBAIXADA ANNAMITA.



OS RESTAURANTES DA PRIMEIRA PLATAFORMA DA TORRE EIFFEL.

bir? Não sei... O que é verdade é que cada um guarda para si as suas impressões, e que esta subida silenciosa é um quasi nada desagradável... E depois, não se pode impedir que se não pense que um calo, mesmo d'aço, nem por isso deixa de ser um calo... que se pode quebrar! Em tudo o caso o aparelho é munido d'um freio poderoso para que, no caso em que se parta algum órgão importante do elevador, os visitantes não tenham o menor perigo.

Parou a machina, estamos chegados! Cerca-nos o céu immenso; a vastidão e a magestade do espectáculo são taes que parece que nos opprimim: quanto a terra vem-a tão longe, e Paris lá de cima parece coisa tão insignificante, que pouco interesse nos dispertam. Dir-se-ia um monte de pedras perdido no meio d'um horizonte immenso de florestas: as ruas, os monumentos, as casas, tudo se confunde n'um formigueiro phantastico; nem mesmo se ouvem os ruídos e as vozes da grande cidade; e o que apenas se ouve é a palpitação da bandeira tricolor que fluctua a vinte metros acima das nossas cabeças.

O accesso da parte superior é reservado ao sr. Eiffel que, a três metros mais acima installou um aposento completo — o ninho da agulha! Uma varanda octogonal de 11 metros sobre as grandes faces e de 4 metros sobre os pequenos lados circunda esta habitação aerea, coroada por quatro grandes arcos de ferro, formando o campanario. Uma escada do caracol de 14^{mo} de altura enrolase em volta do eixo do campanario, e conduz a uma nova plataforma circular, com varanda, situada a 290^{ms} acima da base da torre. Mais acima está o pharol electrico que mede 6^{to} da altura; o extremo da cupula do pharol é exactamente a 300 metros acima do solo do Campo de Marte, e a 333^{ms} acima do nível do mar.

E já que estamos empregando as cifras, fiquem sabendo que a construção da Torre está avaliada em 900 contos de réis, e que as 250.000 peças d'ouro de vinte francos (luzes) necessarias para prefazerem aquella somma respeitavel, formariam uma pilha de pouco mais de 300 metros. O kilogramma de ferro posto no seu lugar sahio por menos de 180 réis (um franco) pois que o peso total do ferro empregado na torre é de 6.500.000 kilos. Só os ferros e fundições do primeiro andar entram n'este peso com 3.622.800 kilos.

Notem ainda que ha 1792 degraus para subir ao extremo da Torre; que 10.000 pessoas podem simultaneamente circular á vontade nas diferentes plataformas; e notem agora para concluir, este facto

nada vulgar — é que acabamos de emprender esta viagem á Torre Eiffel, sem uma unica vez se lhe ter chamado... a moderna Babel. Já é habilidade!

UM PORTUGUEZ QUE SUBIU Á TORRE SEM SER COMMISSIONADO PELO SEU GOVERNO.

AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A RUA DO CAIRO

O DESENHO tão original e tão vivo do nosso illustre collaborador Vierge (o grande e mallogrado artista a quem uma paralytia tirou a falia e annullo o braço direito, trabalhando com a mão esquerda depois de dez annos de estudo e de paciencia) — dispensa-nos de commentarios que nada acrescentariam ao pittoresco da scena. A rua do Cairo, no Campo de Marte, esta pittoresca reconstrução d'uma rua da velha capital do Egypto, — continúa sendo uma das maiores attracções da Exposição, com as suas lojas onde se vende toda a quinquilharia do Oriente, onde se vendem cigarros, doces, cafés e bebidas do paiz, — sem fallarmos dos famosos theatros onde se dança a tão fallada *dança do ventre*, da qual já demos uma scena, graças ao lupis de Adrien Marie.

O desenho de Vierge é a impressão viva e repentina que o aspecto d'esta rua produz ao visitante que pela primeira vez ali entra.

A EMBAIXADA ANNAMITA

Entre os typos curiosos e as celebridades de todo o mundo que tem vindo a Paris, para admirar as maravilhas da Exposição Universal, destaca-se por muito pittoresca a embaixada annamita de que damos o retrato.

Esta missão mandada a França pela corte de Huế para estudar a Exposição e os usos da Europa, demorou-se em Paris todo o mez de julho e agosto, onde foi recebida com todas as honras officiaes, trazendo uma carta autographa do imperador do Annam para o Presidente da Republica franceza.

O filho do imperador, que acompanhava a embaixada, foi quem entregou ao sr. Carnot os presentes que lhe mandava o soberano annamita.

Estes presentes consistem em muitas e ricas pe-

ças de seda, onde se destacam flores e caracteres que symbolisam a felicidade; moveis em pau de ferro incrustados de madreperla; dentes de elephantes; joias de jaspe; e finalmente, um chavelho de rhinoceronte ao qual os annamitas attribuem uma virtude especial: é um talismam de longa vida para o possuidor.

Todos estes objectos — inclusivamente o milagroso chavelho — estiveram em exposição no palacio do Elysee.

Os mandarins annamitas — cujo aspecto offerecem aos nossos leitores — saíram maravilhados de Paris... e tristes por terem de voltar para o Annam, para esse caprichoso paiz, onde um homem para gosar longa vida, precisa de trazer a tiracolo chavelhos de rhinoceronte [...]

Aliás não se chega aos trinta annos [...]

ATTENTADO CONTRA S. M. O IMPERADOR DO BRAZIL.

Os nossos leitores de Portugal não precisam que lhe descrevemos o odioso attentado de que foi alvo S. M. o Imperador do Brazil, na noite de 16 de julho, quando sahia do theatro, e que teve por actor um desgraçado rapaz portuguez — Adriano do Valle — em quem ideias absurdas d'um falso ideal politico levaram até ao crime. Todos conhecem o lamentavel acontecimento, tanto mais lamentavel, que o criminoso é um portuguez. Mas a colonia portugueza do Brazil, e todo o Portugal pela voz da sua imprensa, protestaram contra um tal crime de que foi alvo o illustre e nobre monarcha, o imperador-philosopho que todo o mundo culto admira, e que Portugal estima e respeita, porque é um principe do nosso sangue, e o Chefe d'um grande Imperio que é nosso irmão pela lingua, e ao qual nos ligam tantas tradições e tantos affectos.

Tambem pela voz d'um poeta notavel Portugal protestou contra tão odioso attentado. Os leitores da ILUSTRAÇÃO viram no nosso ultimo numero um trecho do poemeto de Gomes Leal.

Hoje damos aos nossos leitores uma gravura representando fielmente a scena do attentado, e o retrato de Adriano do Valle.

A ILUSTRAÇÃO de novo se associa a todas as manifestações que tem partido de Portugal, protestando contra semelhante attentado, e fazendo votos pela saude e longa vida do illustre monarcha que tão digno é do respeito dos povos.

PARIS. — A EXPOSIÇÃO HIPICA.

No mez de setembro findo realizou-se em Paris no Cours-la-Reine, sobre a margem direita do Sena, por detraz do Palacio d'Industria, uma magnifica exposição hipica, exposição internacional, a qual concorreram os mais curiosos exemplares da raça cavallar.

N'esta exposição, o sr. Eutropio Machado, o illustre chefe da secção dos serviços pecuarios na Direcção geral d'Agricultura de Lisboa, que veio a Paris em missão do nosso governo estudar a exposição pecuaria e assumptos correlativos — comprou, para as caudalarias nacionaes, dois magnificos cavallos de puro sangue arabe, tendo um d'estes animaes obtido o premio no concurso internacional.

São dois lindos cavallos, um ruço e outro castanho. Vae um para Santarem, e outro para Coimbra, para a produção do typo *anglo-arabe*, que é o typo que parece de futuro dever ser empregado de preferencia, como reproductor, no nosso paiz, pelas suas condições especiaes de accidençiação e poucos recursos de forragens. E' este o motivo porque Portugal se não presta facilmente á criação de cavallos muito encorpados, de tiro, como existem no norte da França, e n'outros paizes de maiores recursos d'alimentação.

O cavallo *anglo-arabe* satisfaz aos fins a que o cavallo se destina no nosso paiz, que é sella e tiro ligeiro. A corpulencia relativa dos dois typos pode obter-se dentro d'esta mesma raça, que se pode facilmente avolumar quando se prestem os recursos forraginosos.

Mais aprendemos n'esta exposição que o exorço medio d'um cavallo atrelado a uma carruagem e indo ao passo, é avaliado em 70 kilogrammas; que o exorço é apenas de 44 kilogrammas se o cavallo vae a trote; que a extensão do passo ordinario do cavallo é de 0^{ms}83 cent.; que a velocidade da sua corrida ao trote é de 3^{ms}50 a 4 metros; ao galope de 5 metros e mais; e que a maior velocidade que o cavallo pode adquirir n'uma corrida d'um quarto

d'hora nunca excederá de 12 a 14 metros por segundo... Quantas coisas nós ignoramos!

E se a estatística interessa os nossos leitores, ainda lhes diremos que, n'um canal, um cavallo a sirga pode arrastar de 6000 a 100.000 kilogrammas, conforme a sua força; que o espaço que elle deve occupar n'uma cavallaria deve ser pelo menos de 2^o60 de comprimento sobre 1^o30 de largura; o que se lhe deve reservar pelo menos um volume d'ar respiravel de 20 metros cubicos.

N'esta exposição figuraram mais de dois mil cavallos de todas as raças.

Offerecemos aos *sportmen* portuguezes e brazileiros uma curiosa pagina d'esta notavel exposiçã hippica.

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — OS KABYLES

N'um precedente numero da ILLUSTRAÇÃO já mostramos aos nossos leitores alguns dos tipos kabyles que fazem parte da deslumbrante exposição das colonias francezas, installada na esplanada dos Invalides. Essa exposição é uma verdadeira maravilha pela variedade e pittoresco das construcções, e pela diversidade de tipos que ali se encontram.

Os Kabyles não são dos menos interessantes. Vêm-se na sua barraca, cortando pedaços de coiro de diferentes formas e de diferentes tamanhos, a bordar os com seda ou fio de ouro, e a unil-os, para fazerem o mais estragante calçado. Enquanto a mulher kabyle, com o costume do paiz, completa o quadro e offerece a mercadoria aos visitantes n'um francez só comparavel ao portuguez que falla o pretinho d'Angola. Este interior é admiravelmente reproduzido pelo nosso grande Verger.

A Kabylia é uma parte da Argelia, onde se estabelecem os francezes, e que conta 435.000 habitantes.



A TORRE EIFFEL

OS meus leitores não esperam uma descripção minuciosa do corpo da torre. Com poucas excepções todos a subiram já, ou a subirão. A grande colmeia está em plena actividade. Muitas cidades surgiram nas suas entranhas, com os seus commercios variados, os seus costumes especiaes, as suas designações geographicas. Comece no primeiro andar, imprime-se no segundo, passa-se no terceiro. De cima a baixo é um vaivem perpetuo de insectos nos fios da teia de aranha. As gaiolas dos ascensores elevam-se ao longo das traves, ou mergulham no abismo, paradoxos inquietadores que zombam das leis de gravidade. Falta-nos um Victor Hugo para concentrar na alma de um Quiximodo a vida interior da Torre. Falta-nos tambem, para lhe ornar o cume, o que pareceria o destino providencial do pylone. A falta de Quiximodo, iria apostar que já, n'alguuma cervejaria do ventre da torre, se está creando um pequeno Rougon-Macquart.

Fui buscar lá acima as impressões que o meu jornal me prescrevera que recebesse. Enquanto a algumas, enganara-me o meu jornal, tive de o reconhecer com espanto. Dizia que o que nos surpreendia desde logo era a paragem do movimento de Paris, pela immobillidade das multidões nas ruas e ao sopé do edificio. Como eu, foram os meus companheiros unanimes em notar a acceleração d'esse movimento, a pressa febril do povo de Lillipute. Os peões parece que vão a correr, atirando a perna com movimentos de automat. Um instante de reflexão faz comprehender que assim deve ser; os nossos olhos julgam os homens a uma altura de 300 metros, como julgam habitualmente as formigas a uma altura de metro e meio; a relação é pouco mais ou menos a mesma. Quem ha que não exclamasse muitas vezes: « Como podem andar tão depressa animaes tão pequenos? » A comparação é de todo o ponto exacta, porque a agitação d'essa multidão de a-

mos, as suas evoluções em sentidos contrarios, parece, a essa distancia, tão inexplicavel, tão extravagante, como as idas e voltas de um formigueiro; o que o observador das formigas pensa da sociedade que ellas formam conduz o phenomeno optico o espirito egualmente a pensal-o da vida parisienne, da vida sem epitheto.

O que se diz acerca da belleza do panorama é justificado. De dia pôde-se preferir a esta vista urbana, os vastos e pittorescos horizontes que se desenrolam debaixo de um pico dos Alpes; á noite não tem igual no mundo.

N'uma d'estas noites demorei-me até tarde. Ficava sósinho na gaiola envidiadora, que parece o tombadillo de um navio, com as suas correntes, os seus cabrestantes, as suas lampadas electricas fixadas no tecto baixo. Para completar a illusão, o vento n'essa noite bramia com furia nas encanarias de ferro. Não se ouvia senão a sua queixa no silencio, e de longe a longe a campainha do telephone, chamando por cima da minha cabeça a vigia do fogo. Não faltava senão o oceano debaixo dos nossos pés. Havia Paris. Pôz-se o sol por deiraz do Monte Valeriano. A fortaleza que domina a nossa cidade desce á medida que nos vamos elevando na Torre. Lá de cima avista-se a fortaleza razea no solo, no ninho de verdura das collinas circumjacentes. Caiu a noite; ou antes, do céu ainda claro n'essa altura viam-se os véus de crepe condensar-se e vir de baixo; parecia que se urava a noite como se se tirasse agua d'esse poço de Paris. Esvaíram-se uns após outros os bairros da cidade; primeiro as massas pardacentas e confusas das casas de habitação; em seguida os grandes edificios assignalados na nossa historia; as igrejas sobrenadaram alguns instantes ficando sós com os seus campanarios; mergulharam pela sua vez no lago de sombra. Accenderam-se algumas claridades, que não tardaram a multiplicar-se até ao infinito; myriades de fogos encheram os fundos d'esse abismo, desenhando constellações estranhas, juntando-se no horizonte com as da abobada celeste. Dir-se-hia um firmamento a continuar o outro, com uma riqueza ainda maior de estrellas. Estrellas de alegria, estrellas de dor; aterra-se o coração com a ideia de que cada uma d'ellas revelava o drama de uma existencia humana, tão pequena no monte commun, tragica e enclenchendo o mundo para aquelle que o sofre sem o comprehender. Voltamos o olhar dos astros de cima para os astros de baixo, aquelles mais mysteriosos, estes mais captivadores, porque adivinhámos o que cada um d'elles illumina. E tanto uns como os outros, em cima e em baixo, executavam a mesma tarefa, o trabalho eterno de todos os entes — que é continuar a vida.

De subito caíram na terra duas fuchas luminosas. Eram os grandes feixes que saíam dos projectores que rolavam por cima da minha cabeça; esse raios de luz de que vemos todas as noites algum fragmento, brincando diante das nossas janelas, no nosso cantinho do céu, como os clarões de um raio domesticado. Vistos da sua nascente, os dois braços de luz pareciam apalpar na noite, com movimentos sacudidos, ataxicos, com calafrios de febre que os dilatavam em leque ou os apertavam em pinel; iriamos jurar que procuravam sem direcção, alguma coisa perdida, que se esforçavam por apertar no espaço um objecto incoercivel. Exploravam Paris ao acaso. De vez em quando as suas extremidades conjugavam-se para illuminarem melhor o ponto que interrogavam. Poisaram successivamente em casas humildes, em palacios, em campos longiquos. Não podia cançar-me de seguir a sua busca, tão voluntaria e ansiosa me parecia. De repente pararam em Notre-Dame. Destacou-se a fachada pallida, mas muito nítida. Nas torres acordadas julguei ouvir uma voz dolente. Dizia:

— « Para que perturbas o nosso recolhimento, parodia impia do campanario christão? Debal-

de te ergues acima de nós no teu orgulho; estas fundadas na pedra indestructivel. E's feia e vazia; nós somos bellas e estamos cheias de Deus. Construíram-nos com amor os santos artistas; carregaram-nos os seculos. E's muda e estúpida; nós temos os nossos orgãos, os nossos sinos, os nossos pulpitos, todos os dominios do espirito e do coração. Ufanaste com a sciencia; pouco sabes visto que não sabes rezar. Pódes espantar os homens? não pódes dar-lhes o que nós lhes damos... a consolação no padecimento. Irão á tua casa alegrar-se; virão chorar á nossa. Capricho de um dia, não és viavel, porque não tens alma. »

A torre não é muda. O que que passa nas suas cordas de metal, dá-lhe voz... Respondeu:

— « Velhas torres abandonadas, já ninguém vos escuta. Não vedes que o mundo mudou de polo, e que gira agora no meu eixo de ferro? Represento a força universal disciplinada pelo calculo. Corre ao longo dos meus membros o pensamento humano. Tenho a fronte coroada de relampagos, furtivos ás fontes da luz. Ereis a ignorancia, eu sou a sciencia. Conservaveis escravo o homem, eu faço-o livre. Sei o segredo dos prodigios que aterra-vos os vossos fiéis. O meu poder illimitado ha de refazer o universo, e achará na terra o vosso paraizo pueril. Já não preciso do vosso Deus inventado para explicar uma creação cujas leis eu conheço. Essas leis me bastam, bastam aos espiritos que não hão de retrogradar. »

Quando a torre se calava, os dois grandes feixes subiram, com um d'esses bruscos fremitos que eu já observára; a vibração das moleculas luminosas mudou-se em ondas sonoras, uma voz pura se ergueu do fluido subtil:

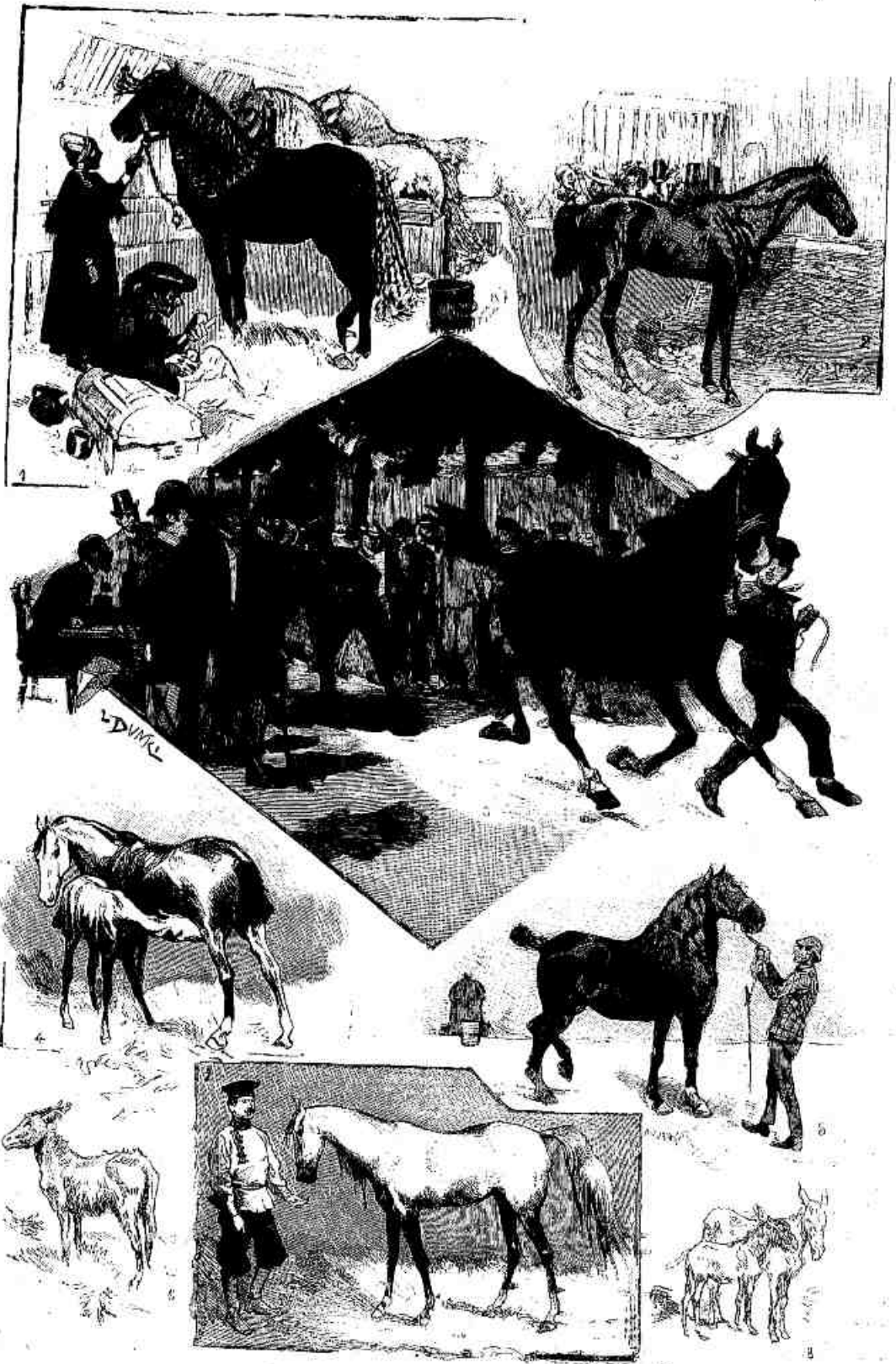
— « Coisas lá de baixo, coisas pesadas, as vossas palavras são injunctas e curtas as vossas vistas. Vós, piedosas torres gothicas, porque prohibis a essa joven irmã que seja bella? Quando os mestres pedreiros vos esculpiam, se se transporthase aos vossos pés um grego de Athenas, diria de vós o que dizais d'ella hoje. Chamavos-hia monstros barbaros, insultos ás linhas sagradas do Parthénon. Contudo a vossa belleza fez-se reconhecer, ao lado da que se admirava antes de vós! Conseti pois que outra nasça, se chegou o tempo. Sobre tudo não recuséis uma alma a quem a procura. Tiraste a vossa ás basicas que a tiravam das catacumbas. Se uns arcos do ferro vola devem tirar, sabeis supprtar a lei que ordens ás formas que passem. Sêde maternaes para este mundo perturbado, que segue o seu instincto precipitando-se n'outras vias, onde tornará a encontrar o que vós tinheis de immortal... »

« E'ti, filha do saber, curva o teu orgulho. A tua sciencia é bella e é necessaria e invencivel; mas é pouco esclarecer o espirito, se se não cura a eterna ferida do coração. A tua primogenita dava aos homens aquillo de que elles precisam — a Caridade e a Esperança. Se aspiras a succeder-lhe, sabe fundar o templo da nova alliança, o accordo da Sciencia e da Fé. Faze brotar a alma obscura que se agita nos teus flancos, a alma que para ti procuramos n'este mundo novo. »

« Já o possues pela intelligencia; não reinarás verdadeiramente sobre elle senão no dia em que restituíres aos desgraçados o que elles achavam lá em baixo — uma immensa compaixão e uma esperanza divina. »

Eis o que eu julguei ouvir na torre. Está-se lá sujeito á verdigem. Essa noite era propria para o sonho. Comecei a descer a longa espiral da escada que se immergia nas trevas. Parando no primeiro andar, voltei uma vez os meus olhares para o alto.

Os dois braços luminosos tinham-se erguido no espaço, continuavam as suas evoluções. De subito encontraram-se em angulo recto; durante um minuto, no céu negro, em cujos limites



1. Raça do rio. — Cavale de raça bretonnais. — 2. Pur-sang inglês. — 3. Cavallo de raça trottoire de tres annes d'âge. — 4. Raça chassain melo-sangue. Eques de criação indica.
5. Raça inglesa de tiro d'espécie especial. — 6. Jumento do Pottou. — 7. Pur-sang arabe. — 8. Jumenta.

PARIS. — A EXPOSIÇÃO HIPPICA. — SPECIMENS DA RAÇA CAVALLAR.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — OS KABYLES NA ESPLANADA DOS INVALIDOS.

pareciam tocar, tocaram uma cruz deslumbrante, um gigantesco tabernáculo. O signal da piedade e da prece era erguido sobre a torre por essa luz nova, força essa immaterial que só em cima da torre se torna claridade. Durante este minuto, esteve apagada a torre; o pedestal recebere a sua natural coroação.

Eugénio Micion de Vasquez.

O URSO BRANCO

N'ESSE tempo era eu saltimbunco. E quem o não é um pouco? Eu fui-o sem metaphora. Sinceramente não fui por vocação que eu assim travava a jagueta amarella de Bobecheou de Jocrisse, e punha, sob o feto de Tabarito, a marraça de estopa, cuja ponta se enfiava, acariocinha pelo beijo tremulo d'uma borboleta de papel prateado! Mas tudo isso era por amor dos fartos cabellos ruivos e das grandes mãos um pouco vermelhas de Mlle. Cunegonda.

Porque ella chamava-se Cunegonda, jurou-o! Era uma domadora, viajante de feira em feira com tres lobos, muito familiares, e um urso branco, muito feroz.

Tinha apenas vinte cinco annos, era gatinha e robusta, com a pelle animadapillos raios do sol. O carvão dos seus olhos accendia-se sob a cabellreira fulva, e Cunegonda, tão cheia de saudade, mostrava uns labios tão frescos e vermelhos, como se os lobos a tivessem mordido entre o nariz e o queixo.

E todavia, nunca a tinham mordido!

Apenas ella entrava n'aquella barraca de lona, que o vento fazia esvoaçar, perante a curiosidade maravilhosa dos espectadores, os lobos acastavam-se para a domadora, submissos, com os olhos cheios de ternura, como se fossem homens, e com a ponta das linguas lambiam as suas botinas de velluto escarlate, apertadas com cordões de ouro.

Elle, por prudencia, nunca affrontava o urso branco, que, para além das grades da jaula proxima, lá e vinha, sem palar, bamboleando patadamente a cabeça.

Desfilur os lobos, já era audacia, e quando ella se erguia com os hombros e os braços nus fora do corpete de ramagens e arabescos, com a face purpureada do triumpho, em meio das feras, que a cercavam, aos saltos, fustignadas pelo chicote — então, Cunegonda era verdadeiramente soberba e feroz. Havia um deus n'aquelle creatura. A trivialidade da sua força exaltava-se até ao heroismo. Uma criatura de estalagem que seria Ariana. Um poema n'uma canção.

Quando pela primeira vez a vi, foi nas festas de Jostoy. Senti que todo o sangue do coração me affluia á cabeça; apenas os espectadores se allustaram approximei-me d'ella para lhe declarar arrebatado, — que a achava formosa e radiante, que a amava até a loucura, e que jurava a para escondermos o nosso amor, se ella o quizesse, em alguma floresta virgem, onde teria o prazer de domar, não só os lobos, mas até leopardos atrezo e onças!

Elle, com as mãos nos quadris, desatou n'uma gargalhada; e, de repente, poz-se muito séria.

Por quem a tomava eu? Elle era ajuzado. Saltimbunco, sim, mas honesto. Depois da morte de seu pai — um domador devorado pelas feras — ganhava a vida, mostrando o urso branco e os tres lobos, tudo o que ainda restava da antiga colleção. Não pedía nada a ninguém. Muitos homens a tinham já requestado: uns que mostravam cães e macacos sabios, cavalheiros, palhaços, directores de circo — as pessoas mais consideres na bolsa, e até muitos cavalheiros.

A todos respondia:

— Vão passaiar, senhores, vão passaiar. —

Pretendia continuar a viver como até então, tranquillamente, só com os seus lobos.

Dito isto, voltou-me as costas e continuou a rir, accrescentando que, o que lhe faltava era um namorado, era um palhaço; porque o seu — pobre rapaz — estava no hospital, com um braço partido, poucas dias antes, por uma patada do urso branco.

Não, certamente; não era aquelle o sonho da minha juventude, fazer pantomimas pelas feiras, nos taboados dos barrações, entre o estridor dos trombones e o rufo infernal dos tambores!

A minha alma! — ah! se me lembra! — fa atroz de chimeras mais gloriosas!

Não importa, respondi:

— Seres tu o seu palhaço?

— O senhor?

— Sim, eu.

— Então está resolvido a gritar: « Entrem, meus senhores! podem entrar, minhas senhoras! »

— Naturalmente.

— Quer dançar só n'um pé, andar sobre as mãos?

— Quero.

— Receber o dinheiro á porta?

— Sim.

— Traçar de feras?

— Sim.

— Preparar a comida dos lobos?

— Sim.

— Fazer toitas as noites a cama para o urso?

— Sim.

Elle reflectiu um instante, e disse:

— Acerto. Ganhará trinta francos por mez.

E foi assim que me escripturei como palhaço, antes de me prender como namorado.

Oh! formosas estrelas! quantas vezes dormi e sonhei sob o vosso olhar amigo e calmo, semelhante a um olhar de uma noiva, que nos vê de longe! Bebi a agua limpida dos ribeiros, dos bosques, e o teu vinho ordinario, oh! tabernas das estadas! Durante meses vivi pobre, esfaumado, contento de aldeia em aldeia, crente e vagabundo, ora sonando sob a marra da estopa, no calor do sol de julho, ora com uma manta de neve em volta do pescoço, no frio de dezembro.

A uma tal dedicação, porém, era indifferente o coração de Cunegonda.

Debalde me fazia absurdo e ridiculo: debalde mascarava as faces com pó de tijolo, e sobre o meu nariz pualha um nariz postico, hediondo, cheio de verrugas sanguinolentas; debalde inventei calemburgos ás multitudes das aldeias, e enchia de ar a minha bochecha, para fingir um inchado curado repentinamente por um sopapo sonoro! Eu não tratava de conquistar as graças dos tres lobos, que me rugiam ás pernas, deitando na agua da lavagem os maiores pedaços de pão negro; em vão remexi com o espeto, por entre as grades, os molhos de palha, em que dormia o urso da Siberia; e em vão, finalmente, embolsava com uma fingida satisfação os trinta francos do meu ordenado! Cunegonda parecia que achava a minha conducta naturalissima, e não me testemunhava nenhum reconhecimento. Não me chegava umas vezes pela fallia, outros pelo olhar, de lhe dizer quanto o amor ia crescendo, e quanto era desesperada a minha dor pela proximidade cruel d'uma felicidade jamais gozada.

Oitava para mim como quem desalia, ou riame na cara, encolhendo desdenhosamente os hombros.

Tudo me levava a crer que ia morrer de pezas. Emagrecia a olhos vistos, e ella tinha a crueldade de me dizer:

— Tanto melhor; quanto mais magro, mais ridiculo.

E, muitas vezes, vinham-me as lagrimas aos olhos, quando mostrava aos espectadores o meu riso de fantoche.

Uma tarde, porém, disse-me Cunegonda de repente:

— Escuta!

Ah! finalmente tratavam-me por tu!

— Escuta! Tu dizes que me amas, mas eu não estou certo disso. Se tivesses a coragem de passar uma noite, só, ás escuras, na jaula do urso, jurando-me minha palavra de honra, que no dia seguinte, serás tua amante!

Acceptei! Estava na jaula! de noite! com o urso! longe d'elle quanto era possível, de pé, contra as grades, afferendo-me a cilas com as mãos. Diabos me levem se não julgo ter tanta coragem como outro qualquer; mas um urso enorme da Siberia, devorador de carnes cruas, não é um visinho sem utilizador.

Vinham-me á memoria as lugubres historias de viajantes devorados nos desertos dos gelos. Arrependi-me de ter lido Julio Verne. E o urso branco de Cunegonda, sabido eu perfeitamente, era sobretudo feroz. Nunca ella, apesar de corajosa, se atrevera a entrar na jaula do terrivel animal. Elle tinha feito em postas o pai da domadora, e com um simples gesto indifferente pedia o braço do antigo palhaço!

Os meus joelhos tremiam e um suor frio escorria-me pelas faces. Eu talvez sentir as enormes patas do monstro cahirem com o seu peso sobre os meus hombros, o meu pescoço estalaria e sangraria entre as maxillas, como em um torno morderio, e eu abafaria, gemendo, no terrivel aperto pellido do seu braço!

Ao principio não foram mal as coisas. Nenhum incidente. O urso deveria estar deitado porque se não ouvia o abalo que o seu passeiar agitado communicava ás taboas da jaula; e a respiração rouca e regular permitia-me pensar que elle dormisse. Desejei-lhe os melhores sonhos propalados para prologar o somno. Desejei ardentemente que sonhasse com as longas corridas errantes sobre os brancos icebergs, quando era livre, com as focas oleosas, que vinham tranquillamente respirar o ar gelado entre os gelos fluctantes, e com o pallido sol da meia-noite, que derrama uma luz de prata na solidão i mensa.

Bem desejava eu — para imitar melhor que pudesse — ter ouvido o grunhido com que sua mãe o embalsava, outrora, quando era pequenino!

Passaram as horas. Pouco a pouco fui-me tranquillizando. Não acordar! E ia desportar o dia: mas o sorriso de Cunegonda me consolava de todas as angustias. A esperança de adorna recompensa encontravame como uma aurore. Cunegonda amava-me! Assim me prometters. Pareceu-me que já havia deixado que lhe beijasse as suas grandes mãos, um pouco vermelhas, e os seus fartos cabellos ruivos...

De repente, senti um movimento na palha, alli, muito perto de mim. Estremeci todo dos pés á cabeça. O urso tinha-se levantado, de certo! As taboas tremiam, rangiam terrivelmente, denunciando uma aproximação. Não me via, mas sabia que eu estava alli. Sem duvida fazejava-me.

Senti na minha nuca um hálito tão ardente, como se a palha d'uma fornalha se tivesse aberto atroz do meu pescoço.

E ouvia a respiração do monstro. Mizericórdia! Quis gritar; mas o grito ficou-me na garganta. Ah! estava paralisado! As suas patas — mais leves do que eu julgava — poisaram-se sobre os meus hombros... Soltei um grito de terror!

— Tóto! — diz-me Cunegonda apertando-me mais estreitamente, — puz o urso com os lobos, e sou eu que aqui estou!

Quando a luz da alvorada penetrou na tenda, fallavamos ainda de amor na jaula nupcial...

Cavalier Mante.

TSARINE

PÓ DE ARROZ RUSSO
Adharente, Suavizante, Incolor
PREPARADA POR VIOLETT
29, Boulevard des Italiens, PARIS



A REVISTA DAS REVISTAS

O DEPOSITO DE OIRO DO BANCO DE FRANÇA.

O STOCK d'ouro do Banco de França é o mais considerável do mundo. Só um outro deposito d'ouro se aproxima d'este notavelmente: é o do banco imperial da Russia.

Eis, segundo um especialista, o sr. Ottoman Haupe, qual era no fim do outubro de 1888, a reserva em ouro dos principais bancos do mundo:

Banco de França.....	1022 milhões de fr.
— da Russia.....	964 —
— da Alemanha.....	734 —
— da Inglaterra.....	514 —
— de Nova-York.....	462 —
— dos Paizes Baixos.....	205 —
— d'Austria-Hungria.....	199 —
Bancos d'emissão allemães.....	192 —
— italianos.....	140 —
Banco d'Italia.....	128 —
— da Belgica.....	86 —
— de Portugal.....	29 —

Total em reserva..... 4.682 milhões de fr.

PHOTOGRAPHIA INSTANTANEA

Eis o processo agora usado para obter o desenvolver as photographias instantaneas:
Prepara-se a seguinte solução seguinte:

Carbonato de soda.....	250 grammas
Sulfito de soda.....	60 —
Agua destillada.....	1000 —

Filtra-se e junta-se-lhe 10 partes d'hydroquinone.

Se a pose é muito rapida, junta-se ao revelador ordinario de 30 a 50 por cento do revelador seguinte:

Carbonato de potassa puro.....	500 grammas
Sulfito de soda.....	60 —
Agua destillada.....	1000 —
Hydroquinone.....	10 —

Se a pose é excessivamente rapida, só se em rega este ultimo. A imagem apparece quasi instantaneamente. Com os carbonatos a alta doses a sensibilidade não tem por assim dizer limites.

A CIVILIZAÇÃO NO JAPÃO

Acaba de se publicar no Japão uma obra contendo os equivalentes japonezes dos principaes termos scientificos das linguas franceza, allemã e ingleza. Trinta e seis japonezes trabalharam n'este vocabulario durante seis annos.

COLLECÇÕES ZOOLOGICAS.

Um naturalista allemão, sr. Fruhstorfer acaba de percorrer a ilha de Ceylão e de obter magnificas collecções zoológicas. Recolheu, com os seus quatorze colaboradores, approximadamente 25.000 colepteros, 7.000 lepidopteros, 300 orthopteros,

3.000 libellulos e um milheiro de aranhas e myriápodas, nem fallar nas serpentes e nas conchas.

ERUPÇÃO VOLCANICA.

Uma erupção volcanica produziu-se recentemente nas proximidades d'Erzerum, a 60 kilometros proximo d'esta cidade. Foi precedida de ruídos subterraneos extraordinarios, e occasionou a morte de 136 pessoas.

A ESCARLATINA.

Continua a grassar com grande intensidade a escaletina em Inglaterra, tendo causado este anno numerosas victimas. Em Plymouth decidiram fechar a bibliotheca escolar, que foi considerada como sendo um foco d'infeção (por causa dos livros contaminados). Desde o mez de março que tem ali havido cento e trinta mortes.

PARIS

30, RUE MONTMOLON, 30

GRAND HOTEL DU BRÉSIL ET DU PORTUGAL

No centro de Paris, perto da Opera, das principaes estações de estrada de ferro, dos theatros e das casas commerciaes brasileiras e portuguezas. Este hotel é dirigido pelo proprietario e sua familia. É o mais enconchado e preferido para viajantes brasileiros e portuguezes, em razão da proximidade de preços e das comodidades que oferece.

LAFERRIERE.

SABÃO REAL VIOLET SABÃO DE THRIDAGE VIOLET VELOUTINE

Recomendados por sua efficacia e boas propriedades a Hygiene da Pele e da Higiene da Casa.

CINCO VEZES SECULAR

Ha a nobreza das cousas... como ha a nobreza das raças... Certos productos impõem-se pela sua incontestavel superioridade e a longa continuação dos seus serviços. Tal é o caso do celebre Elixir Dentifricio dos RR. PP. Benedictinos da Abbadia de Souillac; descoberto ha cinco seculos por sabios frades e a quem a moda ha muito consagrou o uso. Quantas pessoas preocupadas com a hygiene da sua boca lhe devem a conservação dos seus dentes, a frescura das suas gengivas e a pureza do hálito.

O facto porém é que o Elixir dentifricio dos RR. PP. Benedictinos da Abbadia de Souillac tem conquistado hoje a voga a mais justificada e lhe tem valido innumeraes provas da sua constante efficacia.

Agente geral: A. Seguin, Burdenus.

Preço de venda em França: Elixir, 2, 4, 8, 12 e 20 fr.

Preço de venda em França: Pós, 1, 25, 2 e 3 fr.

Preço de venda em França: Pate, 1, 25 e 2 fr.

Encontra-se em todos os perfumistas, cabeleireiros, Pharmaceuticos, Droguistas e retrozeiros.

Casa De VERTUS Sœurs
ESPARTILHOS
PARIS 12, Rue Auber



OCCUPAE as vossas horas de repouso em trabalhos de CORTE e RECORTE de madeira. Ornais os vossos quartos com bonitos objectos construidos pela vossa propria mão. Machados, serras, desenhos e mais utensilios. Envia-se franco o catalogo illustrado por 30 cent. 3, rua da Fidélité, Paris.



Em todos os Perfumistas e Cabelleireiros de França e do Estrangeiro

VELOUTINE
Fó d'Artes especial
PREPARADO COM DISMUTHO
Por CH. FAY, Perfumista
9, rue de la Paix, PARIS



OLEO DE HOGG
de FICADO FRESCO de BACALHAO
NATURAL e MEDICINAL

Recolhido desde 40 ANNOS, em França, Inglaterra, Hespanha, Portugal, Brazil, Republicas Hispano-Americanas, pelos primeiros medicos do mundo, contra as Moléstias do Fígado, Tórax, Crianças franzinas, Tumores, Irrupções do Felle, Febres, Tracás, Flocos-brancos, etc. O Oleo de Baccalhão de HOGG é o mais rico em principios activos.

Valido sempre em frascos TRIANGULARES. Envia-se livre e Régua de 80 cent. ao Estado Francês.
Unico Proprietario: HOGG, 1, rue d'Angoulême, PARIS e em todas as PHARMACIAS.

EXPOSITION UNIV. 1878
Medalha d'Or Croix Chevalier
LES PLUS HAUTES RECOMPENSES

AGUA DIVINA
E. COUDRAY

DITA AGUA DE SAUDE
Recomendada para o tomador, como conservando constantemente a obra da natureza, e preservando da peste e de outras moléstias.

ARTIGOS RECOMENDADOS
PERFUMARIA de LACTEINA

Recomendado pelas Celebridades Medicas.
GOTAS CONCENTRADAS para a tosse.
OLEOCOME para a tosse e para a tosse.

ESTES ARTIGOS ACHAM-SE NA FARMACIA

PARIS 13, rue d'Enghien, 13 PARIS
Deposito em todas as Pharmacias, Pharmacies e Cabelleireiros da America.

VINHO DE MILLET
Chalybê Balaemico

Tonico superior d'uma efficacia certa na Anemia, Chlorose, Prostração, Impotencia, Fevers, Bronchite chronica, Doenças mentaes e nervosas.
PREÇO 3 FRANCOs O FRASCO
Remessa para o estrangeiro 2 fr. por 7 fr.

DEPOSITO:
41, Rue des Francs-Bourgeois, Paris

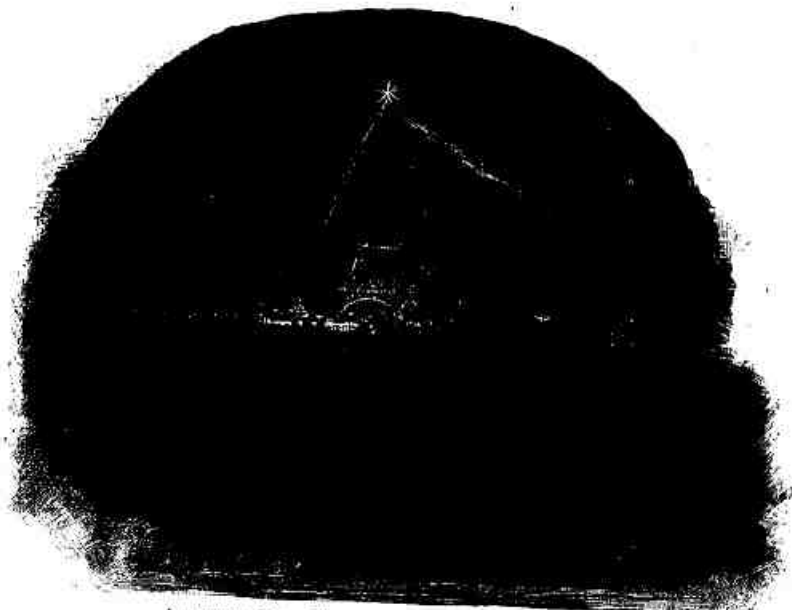


ASTHMA E CATARRHO
Curados CIGARROS ESPIC 211 e CAIXA
Oprezadora Yucca, Comestibilis, e Verrucalga.
Por todos os Pharmacias do Portugal e do Brazil. — PARIS, Vende-se por grosso, A. BÉGIN, Rue St-Louis, 90. Envia-se esta assignatura sobre cada Cigarro.





O HOMEM DO GAZ DA TORRE EIFFEL.



A ILUMINAÇÃO DAS TORRES, VISTA DAS ALTURAS DE MONTMARTRE.

GUERLAIN DE PARIS

15, rue de la Paix — ARTIGOS RECOMMENDADOS

Agua de Colonia Imperial. — Sapónti, sabonete de tocador. — Creme Jacobino (Ambrasiol Green) para a barba. — Creme Morango para amolecer a pele. — Pó de Cipria para bronzear a pele. — Alibodó para o cabelo e barba. — Agua Alibodó para perfumar o cabelo. — Maria Christiana. — Pó de Rosa. — Banho de Cipria. — Heliotropo branco. — Exposição de Paris. — Imperial Russo. — Imperial do Brasil, para o corpo. — Agua de Colonia Imperial Russa. — Agua de Cipria e agua de Chirpe para o tocador. — Alcolato de Cechouria, para a boca.

Interessante Descoberta Parisiense
DA PARFUMERIE-ORIZA
 de L. LEGRAND, 207, Rue St-Honoré, PARIS

PERFUMES-ORIZA SOLIDIFICADOS
12 PERFUMES
 DECORIOSOS
 Sob forma de Lapis e Pastilhas

Basta esfregar levemente os objectos para perfumal-os instantaneamente.

LISTA DOS PERFUMES CONCRETOS:

VIOLETTE DU CZAR.	JOCKEY-CLUB Biquet
JASMIN D'ESPAGNE.	OPONAX id.
HELIOTROPE BLANC.	CAROLINE id.
LILAS DE MAI.	MIGNARDISE id.
FOIN COUPE.	IMPERATRICE id.
ORIZA LYS.	ORIZA-DERBY id.

DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

A. Fournier no 100, rue de la Paix em Paris e no 100, rue de la Paix em Lisboa.

T. JONES
 23, Boul' des Capucines, 23
PARIS
 Fabricante
 de Parfumeria Inglesa
 EXTRA-FINA

Extraclos compostos
 IMPERIAL Russe
 ESE BOUQUET
 VICTORIA
 CAPRICE
 L'HYPER
 FLOUET
 PARADIS
 W. Indigo
 etc.

Fluide Latif
 Produto sem igual para amolecer e preservar a pele qualquer irritação.

La Juvenile.
 Po sem nenhuma mistura chimica para os cuidados de rosto adherente e inviolavel.

Lily Wash
 Para embelezar a pele e branquear o rosto e o corpo.

Latif Cream
 Conserva-se perfeitamente em todos os climas. Superior a todos os Cold-Cream conhecidos.

Agua de Toilette Jones
 Tonic e Refrigerante.

Elixir e Pasta Samohiti
 Deslifica, amolece, branqueia de dentes, impõe a cura e o barba.

T. JONES
 23, Boul' des Capucines, 23
PARIS
 Fabricante
 de Parfumeria Inglesa
 EXTRA-FINA

Extraclos compostos
 SOMETHING NEW
 NEW MOWN HAY
 STEPHANOTIS
 OPOPONAX
 VIOLETS
 AIOA
 W. ROSE
 JUBILEE
 etc.

FERRO QUEVENNE

Delas aprovadas pela ACADEMIA de MEDICINA de PARIS, para: Anemia, Pobreza do Sangue, Fluxo branco, perdas. Leve e Sã. da UNIAO DOS FABRICANTES 15 - 17, rue des Beaux-Arts, PARIS e Phos.

50 ANOS de SUCESSO

A LA ROSE DU PARADIS
 10 medallas
 1893 Exposição
OGER
 CABA FUNDADA EM 1808
 Parfumeria Medica
 INVENÇÃO NOVA
 Extrato, Agua, Pó, Sabonete, Oleo
 Sachet, Brillantina Medica.
 6, Boul' de Strasbourg, PARIS. Fabricação Veneza (Itália)

DIGESTOES DIFFICEIS
 Dyspepsia
 Verda
 de Appetite

DOENÇAS do ESTOMAGO
ELIXIR GREZ
 TONICO-DIGESTIVO COM QUINA, COCA e PEPSINA
 ADOPTADO EM TODOS OS HOSPITAIS — Medalhas de Ouro e Diplomas de Honra
 PARIS — GREZ, 34, rue La Bruyère, e em todas as Pharmacias

GASTRALGIA ANEMIA
 Vomitos
 Diarrhea
 chronica

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO D. FRANK
 Vermelhos, Escarlates, Rosa, Verde, Saperatores
 Contra a Febre de Appetite, Prisão de ventre, Insucesso, Vertigem, Comedidos, e os seus derivados e 1, 2, 3, 4 e 5
 São os únicos remédios e mais caridos.
 Elixir de GRAOS DE SAUDE com o auxílio dos 4 cores e o Salin de Uniao dos FABRICANTES
 Paris, France e Latif specialidades

BISMUTHO ALBUMINOSO BOILLE

contra dysenteria, diarrheas, gastralgias, acidez

GRÃOS de BROMHYDRATO de QUININA BOILLE

contra febre, anemias, etc. — GENEVOIX, 14, r. Beaux-Arts, PARIS, e Phos.

LA CHARMERESSE

Pó refrigerante, o non plus ultra dos pós de beleza. A composição absolutamente nova no ponto de vista de hygiene, a sua forma, originalidade e a sua perfeita azaração fazem recomendar o seu uso para as peles delicadas, tanses e polias, deslucidas ou rugas, dá no rosto a brancura pallida, agradável e discreta da casula e sua desajustação com o porcelano da Imperatriz (curiosos, agnos, vermelhidão, etc.) Para o brilho da tez, além da escuridão, antiofens e **CHARMERESSE CONCENTRADA** e solididade em estado, muito adherente: **GRAND NOUVEAU** — **EXPOSICION**, inventur, Rue J.-J. Rousseau, 17, Paris. — Em Lisboa: **GODFREY**, Rua Garrett, 6; **BERNARD**, Rua Garrett, 16; **ESTACIO** & Cia, Praça de D. Pedro (Rocio), e em todas as lojas de Lisboa e do Brasil.

Le Gérant: P. MOUILLOT.

PARIS — IMPRENSA P. MOUILLOT, 13, QUAI VOLTAIRE.